

# O risco Mantega

115

Agliberto Lima/Ag. Estado/22.11.05

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O mercado financeiro deu ontem uma trégua ao governo, mas o "risco Mantega" continuou a perturbar as mesas de operações dos bancos. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), que havia caído 2,5% na terça-feira, recuperou quase todas as perdas, fechando o dia com valorização de 2,21%, nos 37.491 pontos. O dólar, porém, continuou a refletir a insegurança quanto aos rumos que o novo ministro da Fazenda, Guido Mantega, dará à política econômica. A moeda americana computou o terceiro dia seguido de alta, cotada a R\$ 2,214 para venda — mais 0,23%. "Os investidores se mostraram um pouco mais tranqüilos, mas nada que garanta calma nos próximos dias. A qualquer momento o estresse pode voltar a dominar as operações", disse Gustavo Barbeito, analista da Prosper Corretora, ressaltando que, na Bolsa de Mercadorias e de Futuros (BM&F), as taxas de juros recuaram. Nos contratos com vencimento em janeiro de 2007, os mais negociados, a taxa baixou de 15,12% para 15,06% ao ano.

São muitas as dúvidas dos investidores em relação ao futuro da economia brasileira. Mas nada concentra tanto as atenções quanto a política fiscal. Segundo o economista Nuno Câmara, do Dresdner Bank, nota-se uma



NA BOLSA DE MERCADORIAS E DE FUTUROS, A TAXA DE JUROS CAIU DE 15,12% PARA 15,06% AO ANO

preocupação que há muito tempo não se via no mercado, principalmente entre os estrangeiros, com o compromisso do governo de manter o superávit primário (receitas menos despesas, sem levar em conta os gastos com juros) em 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB). Câmara contou que passou todo o dia de ontem conversando com grandes investidores que têm aplicações no Brasil. Ficou espantando com a ansiedade deles em esmiuçar os dados fiscais do país. Dois fatores contribuíram para isso: os discursos de Mantega favoráveis ao

aumento de gastos do governo e a redução de 50% do superávit acumulado nos dois primeiros meses do ano em relação a 2005.

## Desconfiança

Os investidores também não se mostraram muito convencidos com o discurso do governo de que o Banco Central ficará vinculado diretamente ao presidente Lula e não mais ao Ministério da Fazenda. Essa seria uma forma de evitar trombadas entre o presidente do BC, Henrique Meirelles, e Mantega, que não morrem de amores um pelo outro e que já ba-

teram boca publicamente por causa do aperto da política monetária. "Na primeira desavença que houver entre os dois, o nervosismo será grande no mercado", assinalou Barbeito. Para não pagar o preço das turbulências que se desenham pela frente, o Deutsche Bank, em um relatório assinado pelos economistas Rogério Oliveira, Piero Ghezzi e Gustavo Canonero, recomendou a seus clientes que reduzam ao máximo as suas aplicações de curto prazo em ativos brasileiros. "Neste momento, somos contrários a investimentos em real", escreveram.

## OS TEMORES

*Apesar do comportamento mais moderado dos investidores, nada garante que houve uma absorção do nome de Guido Mantega no Ministério da Fazenda. Há muitas dúvidas rondando os bancos*

### Ajuste fiscal

Os investidores, sobretudo os estrangeiros, passaram a acompanhar com lupa os números das contas públicas. A preocupação é de que o novo ministro da Fazenda amplie os gastos a ponto de o governo não conseguir cumprir a meta de superávit primário de 4,25%. O sinal de alerta veio com a queda à metade do superávit nos dois primeiros meses do ano frente a 2005.

### Política de juros

Por mais que o presidente Lula tenha se esforçado para proteger o Banco Central de possíveis interferências de Mantega, não se sabe até quando isso vai durar. Se o ministro da Fazenda insistir publicamente que há espaço para uma queda mais acentuada dos juros, pode minar a credibilidade do BC no combate à inflação e incentivar uma onda de remarcação de preços.

### Eleições

Na avaliação dos investidores, com Mantega na Fazenda, o presidente Lula pode se sentir estimulado a adotar medidas populistas caso comece a cair nas pesquisas de intenção de votos. Como o novo ministro não tem peso político para enfrentar o PT, os caciques do partido poderiam fazer a cabeça de Lula convencendo-o de que esse é o único caminho para garantir a reeleição.

### Cenário externo

As incertezas sobre o rumo da economia, especialmente em um eventual segundo mandato de Lula a partir de 2007, podem ser dimensionadas pela aversão dos investidores ao risco, diante do aumento maior dos juros nos Estados Unidos, no Japão e na Europa, regiões consideradas mais seguras para se investir.